

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA'21: CECILIA MANGINI
22 DE OUTUBRO DE 2021

LA TARANTA / 1962

um filme de Gian Franco Mingozzi

Realização: Gian Franco Mingozzi / *Consultor:* Ernesto De Martino / *Comentário:* Salvatore Quasimodo / *Fotografia (preto e branco):* Ugo Piccone / *Música:* Diego Carpitella.

Produção: Pantheon Film / *Produtor:* Franco Finzi De Barbora *Cópia:* ficheiro digital, versão original legendada em português e eletronicamente em inglês / *Duração:* 18 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

L'INCEPPATA / 1960

um filme de Lino Del Fra

Realização e argumento: Lino Del Fra / *Fotografia (cor):* Mario Volpi / *Música:* Domenico Guaccero / *Montagem:* Renato May.

Produção: Corona Cinematografica / *Produtor:* Mario Volpi / *Cópia:* ficheiro digital, versão original legendada em português e eletronicamente em inglês / *Duração:* 10 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

LA PASSIONE DEL GRANO / 1960

um filme de Lino Del Fra

Realização: Lino Del Fra (sob pseudónimo de Antonio Michetti / *Texto:* Ernesto De Martino, dito por Carlo D'Angelo / *Fotografia (cor):* Mario Volpi / *Música:* Domenico Guaccero / *Montagem:* Renato May / *Organização:* Fulvio Gagliardo.

Produção: Corona Cinematografica / *Cópia:* ficheiro digital, versão original legendada eletronicamente em português e inglês / *Duração:* 10 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

STENDALÌ (SUONANO ANCORA) / 1960

um filme de Cecilia Mangini

Realização e argumento: Cecilia Mangini / *Comentário:* Pier Paolo Pasolini / *Imagem (cor):* Giuseppe De Mitri / *Música:* Egisto Macchi / *Montagem:* Renato May / *Narração:* Lilla Brignone.

Produção: Vette Filmitalia / *Cópia:* DCP, versão original legendada em português e eletronicamente em inglês / *Duração:* 11 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 6 de novembro de 2012 (*Ciclo O Cinema à Volta de Cinco Artes, Cinco Artes à Volta do Cinema*).

MARIA E I GIORNI / 1959

um filme de Cecilia Mangini

Realização e argumento: Cecilia Mangini / Fotografia (cor): Giuseppe De Mitri / Música: Egisto Macchi / Montagem: Renato May.

Produção: Vette Film Italia / Cópia: ficheiro digital, versão original legendada em português e eletronicamente em inglês / Duração: 10 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca.

DIVINO AMORE / 1961

um filme de Cecilia Mangini

Realização: Cecilia Mangini / Imagem (cor): Giuseppe De Mitri / Música: Egisto Macchi / Montagem: Renato May.

Produção: Documento Film / Cópia: ficheiro digital, versão original legendada em português e eletronicamente em inglês / Duração: 10 minutos / Estreia mundial: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca.

Sessão apresentada por Joana Sousa, co-diretora do DocLisboa – Festival Internacional de Cinema, e Luciana Fina, programadora-convidada da retrospectiva Cecilia Mangini

A abertura desta abrangente retrospectiva da obra de Cecilia Mangini (1927-2021) faz-se com um conjunto de curtas-metragens da fase inicial do seu trabalho como realizadora e também como co-autora (mesmo quando não creditada) de obras de outros cineastas (no caso, Gianfranco Mingozzi e Lino Del Fra, seu companheiro de vida e de trabalho durante quase quatro décadas e cuja filmografia é indissociável da sua), sendo essa faceta colaborativa do percurso de Mangini no cinema desde o início até ao final um traço essencial revelador da sua personalidade e da sua concepção da criação artística enquanto parte de uma acção colectiva com significado político.

Cecilia Mangini, Gianfranco Mingozzi e Lino Del Fra fizeram parte de uma nova geração de cineastas italianos que trouxeram para o documentário a influência das pesquisas do antropólogo Ernesto De Martino sobre as tradições de uma Itália meridional, rural e “arcaica” à beira do desaparecimento devido à aceleração trazida pelo “boom” económico dos anos 1950 e ao rápido desenvolvimento urbano subsequente, o qual implicou um forte fluxo migratório das aldeias do Sul do país para as grandes cidades industriais do Norte. No contexto da fervilhante produção em Itália de documentários de curta-metragem (que durante essa década e na seguinte serviu de terreno fértil para o surgimento de tantos grandes autores), os três criaram uma série de filmes sobre as práticas tradicionais e rituais, tanto religiosas como pagãs, da Itália meridional. Nesses filmes, o género do documentário etnográfico é desafiado, explorando as suas fronteiras estéticas e políticas, como se pode observar nas obras que compõem esta sessão, unidas pela ideia de dar testemunho de um mundo prestes a extinguir-se (o que não pode deixar de invocar idêntica vontade, embora bastante distinta nos resultados, contida no projecto documental de Vittorio De Seta), engolido pela modernização de Itália e pelas suas contradições, as quais serão igualmente um assunto fulcral para Mangini (vd., por exemplo, a sessão de hoje às 21h30).

La Taranta (que credita mesmo Ernesto De Martino como consultor) parte do mito pagão do Sul de Itália em que as vítimas da picada de uma aranha sofrem estranhos distúrbios físicos e mentais, sendo submetidos ao seu exorcismo através de um ritual de música e dança de características únicas. Passando de um modelo que cruza inicialmente o expositivo com o poético para, à medida que vai avançando, uma forma mais próxima do documentário observacional, o filme mostra os procedimentos desse ritual e a sua vivência colectiva, conseguindo escapar a qualquer explicação redutora ou apaziguadora do *tarantismo* (o comentário *off* é usado para contextualizar as imagens, mas está longe de limitar o poder das imagens, que a dado passo não podem deixar de convocar as de outro fenómeno de possessão filmado pelo cinema: **Les maîtres fous**, de Jean Rouch). Mal tolerado pela igreja católica que tentou “normalizá-lo” sem nunca conseguir domar o lado mais selvagem e perturbador associado a este estranho fenómeno de possessão por forças mágicas e transgressoras de toda a ordem social, o fascinante ritual acabaria por ser esquecido no contexto de uma Itália que abraçava com convicção os avanços do progresso material em detrimento dos valores tradicionais.

Também de tempos remotos e com qualquer coisa de mágico (a narração inicial diz que “isto não é um conto de fadas embora comece num bosque”) vem a tradição que é o centro de **L’inceppata**. Lino del Fra constrói uma reflexão sobre como o peso das tradições exerce um controlo social nas relações de amor e familiares a partir do costume antigo de uma aldeia da Calábria em que as jovens mulheres devem esperar secretamente que um tronco seja arrastado até à porta de sua casa, numa declaração simbólica de amor. Reencenando um episódio dessa tradição com a participação empenhada de não-actores da aldeia na reconstituição (na melhor veia “flahertiana”, o filme de Del Fra é simultaneamente “autêntico” e “fabricado”), **L’inceppata** acrescenta uma leitura feminista (eventual influência de Mangini e da sua particular atenção às questões de género?) no modo como dá a ver a segregação entre homens e mulheres numa pequena comunidade que perpetua a reclusão destas no espaço doméstico.

Também assinado por Lino Del Fra e novamente no espírito do documentário de reconstituição, **La passione del grano** foi filmado na região de Lucani na altura da colheita do trigo. O filme mostra como um antigo ritual de fertilidade era ainda celebrado nessa região, mas rompe com o documentário etnográfico ao enveredar por uma clara condenação política das condições de trabalho dos camponeses e da sua pobreza no subdesenvolvido interior do Sul de Itália. Del Fra sabe tirar o melhor partido da fortíssima imagética destes “homens com mãos de foice”, as quais são usadas como se fossem tesouras prontas a cortar não só o trigo, mas tudo o que se lhes atravessasse. Há neste ritual um enorme poder subversivo da ordem social vigente, nomeadamente da hierarquia entre os proprietários das terras e os que nela trabalham (veja-se o extraordinário e carnavalesco momento em que os empregados fazem o patrão perder as calças). Como outros rituais semelhantes de inversão de papéis e de relações de poder, apesar da subversão momentânea, este funciona como válvula de escape de um sistema que apenas permite que alguma coisa mude para que tudo fique na mesma.

Com **Stendali, Maria e i giorni e Divino Amore** entramos enfim na obra de Cecilia Mangini em nome próprio, ela que foi a primeira mulher a afirmar-se no terreno até então exclusivamente masculino do documentário italiano. Estes três filmes de curta-metragem (juntamente com **Ignotti alla città, Firenze di Pratolini e La canta delle marane**) constituem o fulgurante núcleo inicial da sua filmografia como realizadora, que culminará com a sua primeira longa-metragem, o essencial **All’armi siam fascisti!** (1962). Depois de um muito interessante percurso anterior como fotógrafa influenciada pela *street photography* dos anos 1950 (prática que acabou por quase abandonar quando começou o seu trabalho cinematográfico, mas que curiosamente revisitou nos últimos anos de vida

com a organização de várias edições e exposições do seu trabalho fotográfico e como tema central nos filmes que co-realizou com Paolo Pisanelli, dos quais veremos neste Ciclo **Due scatole dimenticate** e **Il mondo a scatti**), Mangini mostrava logo desde estes seus primeiros filmes um verdadeiro olhar de cineasta e um absoluto domínio da diferença trazida pela imagem em movimento (e pela sua articulação com o som nas suas várias componentes) relativamente à imagem fixa (e muda) do instantâneo fotográfico. Vistos juntos, é impossível não ver nos três filmes uma mesma capacidade de, partindo da realidade, ir para além dela, num mesmo efeito de transfiguração do real que só o poder do cinema permite (aqui será justo chamar a atenção para a importância nessa “transfiguração” do contributo em todos da música de Egisto Macchi (conceituado compositor de vanguarda italiano) e da sua plena ligação à montagem de Renato May.

Contando com um belo texto de Pier Paolo Pasolini (então já um importante argumentista e escritor, mas ainda a aguardar a sua ribombante estreia na realização e que já assinara os comentários de **Ignotti alla città** e **La canta delle marane**), **Stendali** é um documentário que vai igualmente buscar a sua inspiração aos ensinamentos “de martinianos” para fazer a reconstituição dos cantos fúnebres tradicionais em Griko, língua antiga de Salento. Nesse sentido é muito sintomático que o retrato do ritual fúnebre arcaico de **Stendali** - centrado nas mulheres e na dor maternal de perder um filho jovem - seja tão comovente e tão respeitador da importância de uma religiosidade ancestral vivida em comunidade (esta é uma palavra igualmente fundamental para entrar na compreensão da mundivisão de Mangini), apesar dela própria ser uma não-crente. Essa ética do olhar sobre o “outro” (quase sempre identificado com um grupo e/ou com uma determinada classe social e menos enquanto indivíduo existindo isolado do todo colectivo) - evitando sempre a simplificação e deixando intacta a sua alteridade - será uma marca permanente do cinema de Mangini até ao fim.

A beleza dos enquadramentos, a precisão da direcção dos gestos destes não-actores e a cadência de uma montagem em estado de graça (na qual, na ausência de som directo, o texto dito em *off* e a música desempenham um papel fulcral na articulação com as imagens que foge à simples ilustração sonora) de **Stendali** prolongam-se em **Maria e i giorni** e **Divino amore** em outras escolhas formais igualmente interessantes. Também centrado numa figura feminina, **Maria e i giorni** faz o retrato de uma mulher que vive numa quinta na região de Puglia. De carácter forte e impetuoso, ela não tem medo da morte e cultiva um laço profundo com a sua terra que evoca uma ruralidade ancestral de que o filme parece antecipar o fim próximo. Dispensando a captação directa de som e a narração que são práticas habituais do cinema etnográfico, Mangini recorre em **Divino amore** à música de Egisto Macchi e à fragmentação de momentos do culto à imagem da Madonna preservada num santuário nos arredores de Roma para criar um efeito de descontextualização e nos fazer olhar para o fenómeno religioso em toda a sua estranheza humana. Um belíssimo fecho para a singularíssima viagem a uma Itália arcana que constitui esta sessão.

Nuno Sena